



disparos políticos em práticas coletivas câmbios, tráficos e gambiarras

Os disparos são muitos, aleatórios. Fragmentados em sua própria trajetória, subvertem e criam outros alvos, dissipando as histórias que estariam fadadas ao inevitável fracasso: pobres, loucos, mendigos, miseráveis e os demais habitantes do lado de lá da precária fronteira que separa os usuários e os agentes das políticas públicas.

Disparos sobretudo políticos que tratam da constituição de um gesto comum que atravessa nossas práticas coletivas, que nos arranca da indiferença de mundos delimitados pelo conforto das identidades.

Estampidos alheios atravessam nossos presumíveis interiores, e em sonoridade inaudível convidam a câmbios negros, informais, minoritários. As práticas coletivas reverberam tons exacerbados e embaralham sentidos: o delírio da polícia, a autoridade do mendigo, a queixa dos trabalhadores psi, a violência do cuidado. As vias expressas nem sempre produzem tráfico. Os itinerários ganham velocidade nos encontros, na multiplicidade conectiva das gambiarras – agilidade felina dos inconformados.

Operar ao modo de tais disparos, eis nossa aposta para produção de um plano. Percorrer as regiões baldias e somar forças para transformar o presente.

eixos temáticos

cidade e subjetividades

A cidade está no centro de uma disputa política, na qual é tomada como objeto de preocupação pública, tanto na esfera midiática quanto governamental. A circulação, a convivência e a segurança urbanas são motivo de planejamento, gestão, controle. Cada vez mais, acirradas intervenções visam diluir conflitos e impor certos ordenamentos ao espaço público urbano. O que isso tudo tem a ver com a subjetividade? Quais as implicações éticas do fazer psicológico na cidade e as possíveis contribuições da pesquisa acadêmica?

clínica, pensamento e criação

A relação entre clínica e pensamento é um desafio para a psicologia. Há correntemente a pressuposição de uma relação específica entre teoria e prática, que as coloca em âmbitos essencialmente separados. De um lado, a clínica, tida ora como aplicação da teoria, ora como prática por excelência; de outro, uma elaboração conceitual que, ainda que recolha da clínica seus eventos próprios, posiciona-se em relação a ela como um plano que lhe é fundamentalmente independente e que se apresenta como revelador, mais do que produtor, do mundo. Abordar a criação, tanto na clínica quanto no pensamento, exige entendê-los a partir de sua indissociabilidade. Há, na clínica, criação de sentido, bem como há no pensamento um caráter de intervenção que evidencia sua dimensão ética e de cuidado, base de nossas práticas. Este eixo busca articular as noções de pensamento, clínica e criação, investigando as implicações desta articulação.

roda de conversa: gestão dos processos de saúde mental

O desafio da saúde mental como política pública é uma aposta que só poderá ser afirmada se considerarmos a inseparabilidade entre produção de saúde e produção de subjetividade. Operar na inseparabilidade de tais processos implica na valorização dos parceiros sociais e, sobretudo, no reposicionamento subjetivo, no sentido do co-protagonismo e autonomização. O desafio que se coloca é pensar os processos autogestionários da atenção em saúde, o que requer experimentar a prática do cuidado de si para além dos limites estritos das especialidades. Estaremos, nesta roda de conversa, com usuários e trabalhadores, debatendo como fazemos para ter saúde mental, como gerimos as relações com a família, com a cidade, com os parceiros nos serviços, com a medicação.

produção da insegurança pública e a resistência das minorias

Não é de hoje que a cidade do Rio de Janeiro se transforma em palco de medo e insegurança. Não é de hoje que a "cidade maravilhosa" tem seu chão manchado de sangue. Não é de hoje que os governos chamam a chacina da juventude negra e pobre de política de enfrentamento da criminalidade, usando o slogan de: "Guerra contra as drogas". Como diz a canção de Marcelo Yuka, "todo camburão tem um pouco de navio negreiro". Fotos de corpos caídos, de paredes atravessadas por balas, de pessoas chorando desesperadas. As grandes corporações de mídia anunciam a guerra, definem os inimigos, demonizam as comunidades – lócus do mal. Em 17 de Outubro deste ano, um helicóptero da polícia foi alvejado por balas e caiu no morro São João, no Engenho Novo, próximo ao Morro dos Macacos, Vila Isabel. Três policiais morreram. Em resposta, a Secretaria de Segurança Pública orquestra operações policiais em diversas comunidades da cidade. Até o momento da escrita deste texto, o saldo de tais operações são o de 47 pessoas mortas e um número desconhecido de feridos. A partir deste cenário, este eixo tem por alvo discutir questões como: criminalização da pobreza, racismo, tráfico, por um lado, e minorias, diferenças, resistências, por outro.

programação

quinta, 03.12.09

13h credenciamento [inscrições no evento]
13:30h disparos coletivos – paula cerqueira [ufrj]
14:45h atividades dos eixos

cidade e subjetividades

mesa de conversa – ana maiolino [uerj], maria lívia de tommasi [uerj], ana cabral rodrigues [ippur]

roda de conversa:

gestão dos processos de saúde mental
roda de conversa [primeiro momento]

produção da [in]segurança pública e a resistência das minorias

roda de conversa com a rede de comunidades e movimentos contra a violência.

clínica, pensamento e criação

mesa-redonda – uma ética com/na experiência: cuidado, autonomia e controle – iacã macerata [uff] e paula rego monteiro [uff]

17:30h parada artística [apresentação]

sexta, 04.12.09

09:30h atividades dos eixos

cidade e subjetividades

oficina – cristiane knijnik e iazana guizzo

roda de conversa:

gestão dos processos de saúde mental
roda de conversa [segundo momento]

produção da [in]segurança pública e a resistência das minorias

roda de conversa com os integrantes do projeto de pesquisa perceber sem ver e convidados

clínica, pensamento e criação

mesa-redonda – modulações no método e na clínica: sentido e experiência – cristiane rocha [uff], jorge melo [uff] e letícia renault [uff]

12h parada digestória
14h planária [ou produzindo um plano comum]
17h práticas coletivas em arte [oficinas]
19h câmbios, tráficos e gambiarras – suely rolnik [puc - sp]

